

ISSN: 0872-5225

# Callipole

Revista de Cultura

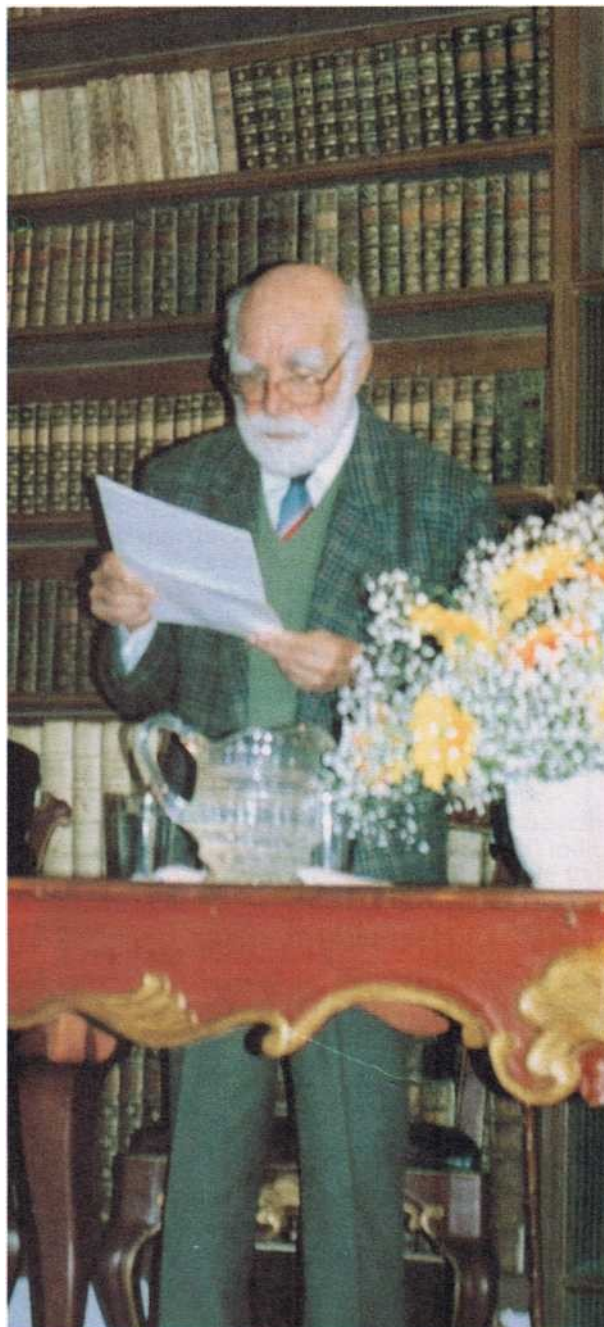
N.º 2/1994



Vila Viçosa

# MEMÓRIA DE TÚLIO ESPANCA

*Antônio Augusto Charrua Faustino*



Última presença de Túlio Espanca  
em Vila Viçosa (11. Maio. 1991)



## MEMÓRIA DE TÚLIO ESPANCA

*António Augusto Charua Faustino \**

Durante um quarto de século tive o privilégio de ter tido um convívio íntimo, permanente e de muita amizade com o ilustre calipolense Doutor H. C. Túlio Espanca.

Sabendo disto, o meu estimado Amigo Dr. Manuel Inácio Pestana propôs-me um convite para que fizesse um trabalho a relatar o que tinha sido esse convívio de 25 anos, a fim de ser publicado na Revista de Cultura *Callipole*.

Ao recebê-lo, confesso que fiquei um pouco perplexo: primeiro, porque era uma responsabilidade muito grande, por vários factores, falar de uma figura com a dimensão daquele Mestre; segundo, porque embora o seu desaparecimento físico ocorresse há quase 1 ano, ainda sinto com muita intensidade esse facto e relembrar tudo o que passou, humanamente, causa-me em estado emocional de certa complexidade. Porém, reflectindo e ponderando tudo, entendi que devia fazer um esforço e não desiludir a pessoa que me convidou, a qual tanto admiro, também há muitos anos.

Há um primeiro aspecto que quero aqui deixar, desde já, bem expresso. Como sabemos, no convívio e amizade entre duas pessoas, falar de uma implica como natural e quase inevitável, falar-se da outra. Portanto, no relato do convívio entre mim e Mestre Espanca, se aparece a minha pessoa quero referir que o mesmo é feito sem qualquer pretensionismo, a que sempre fui avesso.

Lembro-me que, desde muito novo, senti a atracção pelos factos do passado e por objectos de arte ou não, que antecederam a minha existência; na medida do possível os fui estudando e compilando, dentro de grandes limitações, pois não possuía elementos de consulta, nem local onde os pudesse encontrar, para satisfazer a minha ânsia de aprender. Pessoas que se interessassem e me ensinassem não as tinha a meu lado, lutando num terreno só de intuição e puro auto-didactismo.

Iniciada a minha carreira profissional, em 1957, por circunstâncias de vária ordem, vi-me obrigado a deixar para trás e a manter em "repouso" toda essa maneira de sentir, nunca deixando no entanto de ser um observador atento de todos os fenómenos que se ligavam ao que mais modernamente se designa por antropologia cultural.

Depois de várias andanças na carreira profissional, consegui ser colocado em Évora, vindo aqui a fixar residência em 1969. Esta cidade sempre me atraiu sob o ponto de vista histórico-artístico e afectivo, pois aqui fizera também os estudos liceais, no Colégio Nun'Alvares. O fixar aqui residência naquele ano foi um marco decisivo para que pudesse começar a dar largas à sensibilidade com que nasci, virada para o campo da arte antiga.

Atraía-me a cidade de Évora, os seus monumentos históricos e artísticos, todo o seu manancial de arte, desde a arquitectura às artes decorativas, mas não os sabia interpretar.

Por sorte, o hoje mais que consagrado Doutor Túlio Espanca, promovia, ao tempo, ciclos de visitas guiadas aos monumentos da cidade de Évora. Nelas me integrei logo. A sua grande cultura, a sua facilidade de expressão, faziam das visitas guiadas autênticas lições de arte antiga, ao vivo, em todos os campos.

Mais me apaixonei pela arte mas, como me faltavam bases por ser um iniciado só cheio de vontade de aprender e aprofundar os assuntos, sem quaisquer complexos fazia imensas perguntas no período que Túlio Espanca criava, após as suas lições; só o conhecia de vista mas os seus conhecimentos de super-dotado, a sua abertura, a sua simplicidade e a sua simpatia natural, mais ânimo me davam para aprender e mais à vontade estava perante ele.

\* Coleccionador e Estudioso de Obras de Arte

Lembro-me, como se fosse hoje, que naquele ano, depois de uma visita ao Convento do Calvário, como Mestre Espanca tinha notado, nas visitas efectuadas, o meu interesse pelos assuntos expostos (praticamente só eu fazia perguntas, porque outras pessoas que tinham dúvidas não as punham, quanto a mim erradamente, porque tinham receio de mostrar o que não sabiam; como se alguém pudesse saber tudo. . .) acercou-se de mim na intenção de saber quem eu era, tendo a gentileza de começar a trocar opiniões comigo; face ao que eu lhe expus e quais os meus desejos, com a sua grande experiência e visão, logo me aconselhou: "Se quer saber mais sobre arte, as visitas guiadas não chegam; terá que comprar livros, ler, estudar, visitar museus, casas-museu, colecções particulares, exposições, antiquários, etc., para poder evoluir, juntando sempre a parte teórica com a prática". Dispersaram todas as pessoas que tinham feito parte da visita e fomos os dois, a seu convite, até ao seu gabinete no Posto de Turismo, à Praça de Geraldo. Ali estivemos cerca de duas horas, começando a desenvolver os conselhos dados anteriormente, a mostrar publicações dele e de outros autores.

Foi aqui, portanto, o início da minha amizade e convívio com Mestre Espanca. Pensamos que o mesmo pode durar até ao seu desaparecimento físico, fundamentalmente por existir de ambos os lados grande paixão pela arte antiga em quase todas as suas vertentes, uma amizade muito sincera e profunda e um grande respeito mútuo. Talvez por isso nunca houve qualquer atrito durante o nosso convívio. A medida que os anos iam passando mais se fortaleciam os nossos sentimentos, Tinha tanta confiança em mim que tenho a alegria de ter sido, até, seu confidente.

Segui depois 10 ciclos de visitas guiadas, que eram feitas anualmente; as mesmas foram interrompidas e, poucos anos mais tarde, numa segunda série, fiz mais 2 ciclos. À primeira vista parecerá muito repetitivo, mas não, porque, além de solidificar os conhecimentos já apreendidos, Túlio Espanca tinha o dom de acrescentar sempre dados novos ou diferentes, face, como já afirmei, à sua grande cultura. Os calipolenses interessados ainda puderam saborear um ciclo de três visitas nessa vila, em Maio de 1982, e por aí devem compreender-me melhor, ao fazer tantos ciclos de visitas guiadas com Túlio Espanca.

Não vou aqui descrever, porque está fora do âmbito deste modesto trabalho, a sua biografia e vasta bibliografia, porque isso já está escrito em várias partes, designadamente: nos discursos proferidos em 29/5/982, aquando, no Palácio de D. Manuel da cidade de Évora, foi feita a entrega oficial do Prémio Europeu de Conservação dos Monumentos Históricos referente àquele ano, promovido pela Fundação F. V.S. de Hamburgo e votado por um júri representando 6 países da Europa, o que o consagrou internacionalmente; no programa da homenagem que lhe foi feita em 27/11/82 pela Câmara Municipal, de Évora para a atribuição da Medalha de Ouro da Cidade; no Boletim Municipal de Évora n.º 37 - 2.º semestre de 1990; no Laudatio a Túlio Espanca, feito na Universidade de Évora, em 1/11/990, pelo Padre Prof. Dr. Joaquim Chorão Lavajo, aquando da atribuição do título de Doutor "Honoris Causa", além das numerosas notícias em jornais da região e do resto do País.

Felizmente possuo toda a sua obra escrita e gravação de algumas das suas visitas guiadas, tendo-me sido feita oferta de algumas das suas publicações. Não é novidade para os interessados que a sua obra é realmente espantosa. Foi mais de meio século de um trabalho constante e perseverante, só ao alcance dos super-dotados.

Embora, como já referi, não cite toda a sua bibliografia, penso que não devo deixar de sublinhar um facto que não vi referido em nenhum lado; olhando para uma das prateleiras, no local onde reúno todos os meus livros e trabalhos sobre arte, verifico o seguinte: na Colecção completa do "Inventário Artístico de Portugal", da Academia Nacional das Belas Artes, estão publicados 12 números, datados desde 1943 até 1992, de onde resultam 16 volumes. Destes, 50% ou sejam, evidentemente, 8 volumes, são da autoria de Mestre Túlio Espanca.

Isto diz tudo sobre o grande trabalho que através dos anos o Mestre nos deixou, no qual expressa bem o seu saber, o seu amor e, sobretudo, o rigorismo que punha na investigação, para escrever com segurança; esta uma grande qualidade que também constatei. No dizer do Prof. Dr. Vitor Serrão, também seu amigo e admirador de tantos anos, "os Inventários do Mestre definem pela primeira vez um carácter de "rastreo em globalidade" que os tornam pioneiros entre nós". É mais, em carta que aquele professor me escreveu em 7/6/993, ainda muito abalado pelo seu desaparecimento, além de vários considerandos à sua pessoa, chama-lhe sábio.

Além de seguir Túlio Espanca nas visitas guiadas e fora delas, ter centenas e centenas de horas de conversa na rua, no seu gabinete, em casa dele ou na minha casa (por sinal morávamos ambos na Avenida D. Leonor Fernandes), nos passeios que demos juntos, tanto no País como em Espanha, tive o prazer de lhe dar nos Inventários do distrito de Évora, Zona Norte e Zona Sul, e no do distrito de Beja a minha modesta, desinteressada e anónima colaboração. Precisava de colher elementos de "campo" para o Inventário e lamentou-se que os taxistas não queriam ir a determinados locais (especialmente no campo) e se aborreciam de estar à espera um dia inteiro; além do mais ficava muito dispendioso à Academia cujas verbas também eram muito limitadas. Confessava que assim tinha dificuldade em avançar com diligências imprescindíveis, o que atrasava o seu enorme desejo de completar as obras. Resolveu-se o assunto, pondo ao dispôr a minha pessoa e o meu automóvel, para tudo o que necessitasse. Lá partimos os dois, nalguns fins de semana, na visita para inventariação a Igrejas, Capelas, etc., tantas vezes em pontos recônditos.

Depois da inventariação, que algumas vezes já tinha atrás de si um trabalho de investigação nos arquivos, os citados locais eram por si fotografados; quando requeriam trabalho de um profissional, lá voltávamos com o saudoso fotógrafo Zé Ramos - um artista - para se completar o trabalho. A sorte era este fotógrafo ser artista e gostar de fotografar peças de arte, mas era difícil convencê-lo porque, monetariamente, ficava prejudicado pois a Academia pagava mal e ele a fotografar um casamento em horas ganhava mais que nos dias que conosco saía. Para o aproveitar tínhamos dias de partir às 8h da manhã e chegar às 8h da noite, especialmente no distrito de Beja. A ajudar o fotógrafo a criar condições técnicas para o bom sucesso das fotografias, passavam-se cenas dignas hilariantes mas que fazíamos com gosto, não sendo no entanto fáceis. Mestre Espanca, eu e um outro acompanhante de ocasião, colocávamo-nos nos sítios mais esquisitos com os holofotes, sombrinhas (de fotógrafos) abertas, criação de fundos, etc., seguindo as instruções do fotógrafo Zé Ramos. Porém, quando víamos as fotografias ficávamos encantados, não sonhando as outras pessoas que as viam, as aventuras que tínhamos passado para ficarem com aquela perfeição.

Grande artista, repito, era o saudoso Zé Ramos. Também saíamos, sem ser aos fins de semana, para maior celeridade, pelo seguinte: eu estava colocado na Direcção de Finanças^distrital e a minha competência territorial abrangia todos os concelhos do distrito de Évora, no exercício das minhas funções profissionais, os quais, evidentemente, tinha que visitar. Assim, como normalmente saía de Évora 2 semanas seguidas, por mês, dava a Mestre Espanca conhecimento dos dias e dos concelhos e ele comunicava-me quando lhe interessava ir; passava por sua casa, pontualmente, e lá seguíamos para os concelhos só regressando a Évora ao fim da tarde. Nalguns ia para consultar arquivos locais mas depois, como é óbvio, a visita directa aos vários monumentos para sua descrição e inventariação de todo o seu recheio. Logo que me despachava do serviço oficial ia ter com ele para ajudar no que fosse necessário. Seria fastidioso e alongaria muito o que estou a escrever, se relatasse tantos episódios interessantes que se passavam nestas diligências. Porém, para mim era apaixonante aquele serviço na procura do desconhecido, que depois vinha a público nos Inventários; simultaneamente, como se compreende, ia acumulando conhecimentos e experiência, ao mesmo tempo que era útil.

Há um aspecto que não posso deixar de referir, embora algumas pessoas o conheçam: o Doutor Túlio Espanca, com todo o seu saber acumulado ao longo de uma vida inteira de grande e séria dedicação a estes assuntos, tinha a simplicidade e a humildade próprias dos verdadeiramente Grandes, como ele era. Por isso várias vezes me pedia opinião sobre determinadas peças; deixava-me confundido, eu não me queria manifestar, mas ele insistia, dizendo: "Vêm mais 4 olhos do que 2"; isto para mim define-o como pessoa de grandes sentimentos humanos; por fim, lá me manifestava e quando descobria, casualmente, qualquer data ou uma peça que jazia cheia de pó nalguma dependência de igreja ou capela, etc., exclamava: "Eu bem lhe digo que vêm mais 4 olhos do que dois". Parece-me não ser preciso acrescentar mais nada para as pessoas que nos leiam o compreenderem em toda a sua dimensão.

Por coincidência foi Vila Viçosa, talvez o concelho onde fomos mais vezes e mais andámos juntos. Vêm tantos factos passados à minha memória que é impossível descrevê-los todos; mas, de repente, lembrei-me de um: depois de várias semanas de

visitas a Vila Viçosa, numa viagem de regresso a Évora, o Mestre começou a descrever-me, sob todos os aspectos, a Vila Viçosa do séc. XVI; era tal a clareza e o rigor da exposição, que tinha a sensação de estar a ver ao vivo essa época da antiga Vila. É claro que, para aproveitar o tempo, vinha com o automóvel no mínimo de velocidade... Aliás, na ida ou regresso aproveitávamos sempre para conversar e traçar ele os planos que tinha em mente para as visitas posteriores. Também, nas idas a Vila Viçosa registava-se um facto curioso, o qual eu compreendia e respeitava perfeitamente: quando Túlio Espanca andava em trabalho, destestava restaurantes, porque sempre apareciam pessoas para conversar o que lhe perturbava o pouco repouso que fazia na hora de almoço. Assim, trazia o seu farnel, como ele lhe chamava, e ia comê-lo, ao ar livre, para o Castelo; isto dava-lhe imenso prazer. Mestre Espanca amava a sua terra natal; várias vezes me confessou: "O meu sonho era ter uma casinha em Vila Viçosa". Como se sabe não o chegou a concretizar. Também me dizia ter tido grande prazer em fazer o "Inventário" de sua terra. O período de trabalho nos concelhos do "Inventário Artístico da Zona SuP era intensíssimo e perguntava-lhe como conseguia, mesmo assim, não obstante o rigorismo posto em tudo, ir avançando com relativa celeridade. Respondia-me que só através de uma vida muito regrada. Efectivamente, tinha uma alimentação cuidada, não bebia bebidas alcoólicas, não bebia café, não fumava, etc., isto ajudava realmente o grande arcaboço com que nasceu, sobretudo o mental; em períodos de investigação mais agudos, chegava a estar a trabalhar 12 horas seguidas, só bebendo água e comendo algumas bolachas. É impressionante! Quando as pessoas interessadas liam qualquer elemento inédito, não podiam fazer ideia do trabalho, em vários campos, que o mesmo dava. Eu nunca tinha assistido, à feitura de um livro mas, como acompanhei a feitura dos "Inventários - Distrito de Évora - Zona Norte e Sul", pude aperceber-me da sua complexidade e espantoso trabalho. Acresce que Túlio Espanca foi o único inventariante que em Portugal, como se sabe, fazia um volume só de fotografias e outro da parte descritiva. Constatei que isto dá o dobro do trabalho, mas fica tudo muito mais valorizado. Até me ofereceu as provas do "Inventário da Zona Sul", que guardo religiosamente. Quero referir que no "Inventário do Distrito de Beja" só fui no meu automóvel com o Mestre ao concelho de Alvito, nos fins de semana; nos restantes a minha vida profissional não me permitia ir durante a semana (só ia aos fins de semana com o fotógrafo), tendo o Mestre, finalmente, tido a colaboração de Entidades Oficiais no tocante a transportes para os concelhos do Distrito de Beja. Depois deste espantoso trabalho, estando o mesmo findo, foi entregue na Academia; tantos anos sem luz verde para a sua publicação, o que o trazia sempre muito preocupado e ansioso, dizia: "Deus queira que o mesmo possa sair comigo vivo, pois teria grande desgosto se isto não se verificasse". Aconteceu que, quando houve a chamada luz verde, o Mestre Espanca já se encontrava muito cansado; apesar disso ainda teve que ultimar muitas coisas, o que o esgotou; não pode fazer a revisão das provas, valendo a todos nós e ao País o conhecido jornalista Dr. Alves Fernandes, seu genro, que fez a revisão das mesmas e, com um seu filho, os respectivos índices que eram sempre feitos na Academia; sucedeu que esta, na altura, já não tinha ninguém especializado; isto atrasava tudo e as pessoas que referi, com grande competência, lá os fizeram de molde a irem para a tipografia. Logo que nesta entrou imediatamente mo comunicou e demos um grande abraço de alegria. Como estava feliz na altura! Até nesse dia fez um passeio a pé para vir à Praça do Geraldo trazer dois livros para encadernar.

Foi também graças ao seu genro que, indo à tipografia da Maia, se lembrou de trazer dos poucos já impressos, os dois volumes, do "Inventário do Distrito de Beja" para que o Mestre os visse; veio de propósito a Évora, não esperando pelo dia 8 de Maio, em que viria assistir à homenagem que era prestada a Túlio Espanca, em Vila Viçosa. Parece que teve um presentimento da tragédia que se ia dar dentro de dias. O Mestre ainda os teve na mão, mas, devido ao estado deprimido em que já se encontrava, não mostrou grande interesse ao folheá-los. Mas Deus fez-lhe a vontade, pois ficou com a certeza que viriam a público. Houve um facto que me comoveu e foi o último agradecimento que lhe fico devendo; deixou escrito: "Mesmo que tenha morrido, quando vierem os volumes que a Academia me oferece, entreguem dois volumes ao meu amigo Faustino", ofereceu também a outros amigos mas só aqueles que ele sabia que se interessavam e liam os Inventários. Soube disto através dum telefonema (já após o seu desaparecimento) feito por sua filha D. Joana. Lá os fui buscar a casa e este novo encontro com sua esposa foi comovente.

Descrita, resumidamente, a nossa inter-ligação aos "Inventários", não posso deixar de referir o que foi para mim de gratificante as outras viagens de passeio, mas ao mesmo tempo de estudo e visitas aos locais com interesse artístico. Fizemos, como já disse, várias visitas pelo País, especialmente a Coimbra, cidade de que o Mestre muito gostava. Como a minha filha fez o curso de Medicina em Coimbra, durante os 6 anos do mesmo, como é óbvio, lá me deslocava muitas vezes; foi muitas vezes comigo, sendo para mim um prazer, e teve a gentileza de, por partes, fazer a mim e a minha mulher visitas guiadas em Coimbra. Era espantoso, dominava tudo!

Ainda seguindo o primeiro conselho do Mestre percorri com minha mulher, felizmente também apaixonada destas coisas da arte, e durante 9 anos, o nosso País, por zonas; nestas visitávamos todos os museus, casas-museu e outros lugares com interesse artístico, para o que destinávamos uma semana das nossas férias. Além das visitas comprávamos toda a documentação possível, ligada aos lugares de interesse artístico, para ser estudada no Inverno.

Percorrido o País, também me aconselhou a ir ao estrangeiro conhecer a arte de outros países. Túlio Espanca era um apaixonado das viagens e durante 30 anos percorreu sozinho toda a Espanha; contou-me todas essas viagens que tinham o seu quê de aventura; dizia-me que, como ganhava monetariamente pouco das suas funções profissionais, nessas viagens tinha que dosear o mais possível as despesas; porém, com o seu espírito de artista e de aventura, conseguia o que se propunha fazer. Certa vez, contava ele (como também era colecionador) em Barcelona apaixonou-se por um canudo em faiança, com uns motivos de barcos. Não resistiu e comprou-o, o que desequilibrou o seu orçamento de viagem; quando chegou a Eivas estava sem dinheiro, tendo pedido 50\$00 a um taxista conhecido para poder vir para Évora, Não pensem que se lamentava disto; contava tudo descomplexadamente, a rir, com um prazer especial por ter sido mais uma aventura e ter ficado com o canudo. Isto reflecte uma faceta curiosíssima, quanto a mim, da sua apaixonante personalidade. Face ao conselho que referi atrás e pelos elementos escritos que eu tinha de Espanha, este País atraía-me. Assim, idealizei um percurso que eu e a minha mulher pretendíamos fazer de automóvel.

Quando lho fui pôr a consideração, perguntou-me: "Posso ir com vocês?". A resposta não podia ser outra senão a positiva, pois era um companheiro bom em todos os sentidos e ofereci-lhe a viagem de automóvel com todo o prazer. Num serão estivemos a trocar opiniões do que queria ver, até onde queria ir, e combinámos ser o Mestre Espanca, com a grande experiência de Espanha, a traçar o itinerário, mas, tendo em vista que teríamos de pernoitar após eu ter feito entre 250 a 300 Km de estrada, para não me cansar muito pois sabia que, depois, nas visitas a museus, monumentos, etc., tínhamos várias horas a andar a pé e queria ver tudo sem presas, como aliás é sempre minha intenção, pois só assim se podem estudar as peças e memorizar pormenores que, depois, nos são muito úteis. Traçado por ele todo o itinerário para 13 dias, concordei em absoluto; lá partimos, visitando as províncias de Castilha la Nueva, Aragão e Catalunha. Era para mim emocionante pois, após visitar o nosso País, era minha primeira viagem ao estrangeiro, com os mesmos objectivos. Corria o mês de Agosto de 1983. Graças a Deus correu tudo muito bem, sendo o programa cumprido à risca. Mestre Espanca adorou esta viagem (os interesses eram comuns) e isso deixou escrito em dedicatória num trabalho seu que me ofereceu após a viagem. Ainda nesta, tivemos o privilégio de o ouvir falar sobre a História de Espanha, a qual conhecia em pormenor em virtude de a ter estudado em 20 volumes!

Mas não falávamos só de arte; tanto eu, como a minha mulher, ficámos encantados com o seu sentido de humor, a sua característica de contador de histórias, etc..

Havia muitos pormenores interessantes a contar mas tenho que tentar resumir o que estamos a escrever. Só um: tivemos a sorte de estar em Barcelona num domingo onde, como se sabe, nas "ramblas", neste dia há um verdadeiro espectáculo de cerca de 2 Km com as facetas mais distintas. Como o Mestre riu e se divertiu com tudo aquilo, pois nunca, como nós, tinha assistido a uma coisa do género.

Em Abril de 1988 voltámos a Espanha, fazendo uma viagem com as mesmas características; tudo se passou num ambiente nada formal e cheio de muita amizade. Como gostava muito das "zarzuelas", além dos livros, comprava sempre discos das mesmas, para ouvir sossegadamente em casa.

Como também sou apaixonado pelas viagens, quis Deus que pudesse (sempre o Mestre me incitava a ir) visitar depois, mas não na sua companhia, seis países da Europa, um de África e outro do Médio Oriente.

La por intermédio de agências de viagens mas, nas cidades, eu e a minha mulher não cumpríamos os programas das agências, porque queríamos estar livres para vermos os museus que entendíamos; é que, antes das viagens, com bons roteiros, mapas das cidades e dos "metros" programávamos à nossa maneira. Só um exemplo: se não procedêssemos assim, designadamente em Paris, Bruxelas e Amesterdão, não teríamos visto os museus, pois dum grupo de 50/60 pessoas ninguém tinha interesse em ir; temos que respeitar cada um, mas lamentamos. Como permitiam que filmássemos nos museus, filmei, por exemplo, em Paris o Museu de Cluny (uma das maiores colecções do mundo de peças da Idade Média - até ao século XVI), em Amesterdão o célebre "RijksMuseum" e, em Bruxelas, o Museu de Arte Antiga, não só para mim, mas para depois, fazendo surpresa ao Mestre, voltar a saborear em minha casa com o Mestre Espanca os núcleos que mais nos interessavam, porque ele não pôde conhecer ao vivo estes museus. Em 1953, como bolseiro do Instituto de Alta Cultura, estive 3 meses em França e 3 na Itália.

Não podemos deixar de referir outra faceta da sua personalidade: a de coleccionador de antiguidades. Coleccionava com verdadeira paixão. Tinha começado há cerca de 50 anos e só deixou quando as cotações atingiram preços elevadíssimos.

Como eu também desde muito novo, como já referi, tinha a paixão de coleccionar, dado o estudo sistemático que fui fazendo, através de livros, visitas a museus, casas-museu, etc., e do contacto com Mestre Espanca, fiz-me também coleccionador há 25 anos. O Mestre sempre me incitou e dizia-me: "Compre e salve o que puder para que as peças não vão para o estrangeiro". Ia adquirindo e mostrava-lhe sempre tudo. Tive sempre a preocupação em preparar-me o melhor possível para poder comprar, mas ir logo seleccionando. O factor raridade era, dentro do possível, aquele que mais nos interessava. Sempre me considerei um modesto coleccionador. Não obstante, Mestre Espanca mostrou-se interessado na minha colecção e referiu-a a págs. 295 e 296 do Inventário Artístico de Portugal - Dist. Évora - Zona Sul, em 1978, embora depois desta data a mesma fosse aumentada. Como as visitas a minha casa, por vários motivos, eram frequentes, via as peças. Tantas de que ele gostava imenso, felizmente .

Devo aqui destacar o interesse que Túlio Espanca tinha pelo meu núcleo de 4 Meninos Jesus de Malines, especialmente um, marcado e que tinha sido classificado de "peça rara e de qualidade excelente" pelo meu querido e saudoso Amigo Eng. Bernardo Ferrão de Tavares e Távora (com quem me correspondi de 1976 a 1982 - ano da sua morte), especialista, além de outras, nesta área das "Imagens de Malines". Antes de Túlio Espanca ter mostrado interesse em fazer referência à minha colecção no "Inventário" e apresentar no volume da parte fotográfica, uma fotografia da peça em causa, já eu tinha mandado fotografias dos citados Meninos Jesus da cidade flamenga de Malines (Séc. XVI) ao Engenheiro Bernardo Ferrão, a seu pedido, para publicação, com ficha descritiva, na revista "Museu", do Porto.

O Doutor Túlio Espanca insistia no interesse em publicar a fotografia do citado Menino Jesus, porque me informou (e eu constatei isso nos volumes já publicados do Inventário) que não tinha ainda sido dado à estampa uma imagem daquelas e queria mais uma das suas muitas apresentações inéditas.

Como estava comprometido com o Eng. Bernardo Ferrão, apesar da amizade com Túlio Espanca, não lhe podia responder afirmativamente sem escrever a Bernardo Ferrão; foi o que fiz e ele, em carta, referindo que a minha atitude já hoje era pouco vulgar, não só concordou que cedesse à pretensão de Túlio Espanca, mas também que, sendo publicada no Inventário, era melhor porque tinha mais projecção.

O desejo de Túlio Espanca foi satisfeito, constando no Inventário o Menino Jesus em causa com a estampa n.º 318. Foi portanto a primeira fotografia de uma imagem destas que se publicou nos "Inventários", pois no Distrito de Beja, Mestre Espanca também não encontrou nenhuma. Referia-me Túlio Espanca que não tinha conhecimento de nenhum mais (além dos meus 4 e do outro que está no Museu da Sé de Évora) nos distritos de Évora, Portalegre, Beja e Faro. São realmente raras. Lá está o que disse atrás: se não estivesse preparado com as publicações de Bernardo Ferrão sobre "Imagens de Malines" nunca os teria descoberto. Os negociantes de antiguidades não sabiam que imagens eram, nem a sua raridade. Confessava-me o Mestre: "Gostava muito de possuir um "Malines", ainda mais que um Nottingham (escultura religiosa inglesa, em alabastro, que se fabricava no séc. XV, naquela cidade, em Londres e York).



Entre Túlio Espanca e Bernardo Ferrão existia também uma grande amizade e uma admiração mútua; também é curioso que, durante uns anos, houve um triângulo de ligação entre mim, Ferrão e Espanca, no tocante a detecção de peças e ulterior envio de fotografias para as publicações do grande investigador que foi o Eng. Bernardo Ferrão, designadamente peças de mobiliário, "Malines", e marfins da arte luso-oriental. Aconteceu que Túlio Espanca estava na fase da elaboração escrita dos "Inventários" e não tinha tempo nem saía tanto como eu; assim, delegou em mim essa modesta colaboração, o que motivou a minha correspondência e telefonemas, durante 7 anos, com aquele investigador e escritor do Porto. Abalou-me muito o seu desaparecimento físico (ocorrido em 1982) porque, além de outros trabalhos de muito interesse, estava a trabalhar na obra de fundo "Mobiliário Português", da qual só puderam sair 4 volumes de um projecto de 10. Nos 4 volumes saídos, que vão até ao séc. XVI, lá vêm peças raras que lhe descobri mas como eu não queria que constasse o meu nome, numa ainda escreveu que os elementos tinham sido fornecidos "por um amável coleccionador de Évora". Se não ocorresse a sua morte e como já tinha adiantados os volumes dos sécs. XVII e XVIII, era uma lacuna que ficava suprimida nas artes decorativas portuguesas, pois não temos em Portugal uma obra de fundo sobre mobiliário, como Bernardo Ferrão tinha projectado. Tantos elementos lhe forneci destes séculos! Lamentavelmente não se conseguiu ninguém que pudesse dar continuidade à sua obra.

Quando fui ao gabinete de Túlio Espanca dar a notícia do falecimento de Bernardo Ferrão, ficou muito triste e exclamou: "Então, e agora?"; referia-se às publicações que tinha em curso e que ele também gostava que saíssem. Penso que é bonito, entre pessoas apaixonadas por estes assuntos e sempre ansiosas por mais aprenderem, haver tanta lealdade, muita amizade e espírito de colaboração (nas obras escritas e nas colecções) sem invejas mesquinhas, que infelizmente são tão comuns.

Como apaixonado em coleccionar, não me interessou nem interessa só a recolha de peças, decorando ao gosto pessoal a casa de Évora e a minha casa de campo. Interessa-me ainda mais e dá-me mais emoção o seu estudo aprofundado, com o maior rigor possível.

Assim, organizei um "inventário" onde são registadas com um n.º, data de aquisição, preço e uma classificação muito sucinta; depois elaborei fichas com análise às mesmas, classificação, se foram referidas no "Inventário Artístico" ou figuraram em exposições, bibliografias, etc. Das mais representativas e seguindo um critério pessoal, mandei executar fotografias por profissional e elaborei 4 álbuns em folhas soltas e transparentes, de molde a ver-se a fotografia e ao voltar a folha, vemos no verso os elementos extraídos das referidas fichas. Aos álbuns anexe também tudo o que se relaciona com a colecção e além do mais, uma introdução, relatando como e porque comecei a coleccionar, além de mencionar elementos sobre Mestre Espanca que, como não podia deixar de ser, me marcou profundamente. Ao saber disto estimulou-me e apoiou-me na ideia, referindo-me: "Uma coisa dessas é que eu devia fazer também, mas o tempo não chega para tudo". Eu fiquei-lhe muito grato pelo estímulo.

Depois do meu estudo, em caso de dúvidas, tinha e tenho sempre a humildade de consultar especialistas nos vários ramos e que fazem o favor de ser meus amigos, gostando de falar comigo sobre peças de arte. Neste momento só estão pendentes de classificação de especialistas de Lisboa 5 peças; 3 de uma espécie de momento difícil de classificar, porque não existe qualquer estudo em Portugal, nem em Espanha, tendo-se começado há pouco tempo. Até eu tenho estado a colaborar modestamente com a especialista, a seu pedido, em virtude da falta de tempo da mesma; vamos ver se se faz mais luz sobre o assunto, porque as peças são raras; as outras duas só não estão porque aguardamos a vinda a Évora, dentro de pouco tempo, do especialista que tem cá assuntos a tratar e só dá o parecer definitivo com as peças ao vivo, embora já visse as fotografias. Estes contactos são muito enriquecedores, como se compreende, e os especialistas também têm prazer em ver sempre mais coisas. Também faço isso porque, como me aconselhava Mestre Espanca, era asneira, depois do natural acumular de conhecimentos de tantos anos, não deixar os elementos escritos, nos citados álbuns.

Outra faceta de Mestre Túlio Espanca: organizador de exposições de arte antiga, em Évora. Nos elementos de consulta que citei atrás sobre a sua bibliografia, constam os títulos das mesmas que foram nada mais, nada menos de 15!!

Embora eu possua todos os catálogos, dentro do nosso período de convívio ainda acompanhei várias. Não posso deixar de referir o espantoso trabalho que as mesmas representavam. Além de elaborar os catálogos e ter os contactos com a tipografia, fazia a recolha das peças em Évora ou fora desta, classificava-as e ainda procedia à montagem das mesmas exposições; portanto fazia quase tudo sozinho. É espantoso! Peças que me pertencem hoje, figuraram em 3 exposições da sua responsabilidade. Cedi também várias peças da minha colecção para 4 exposições, estas realizadas no Museu de Évora. Com o fim de figurarem na exposição "A influência oriental na cerâmica portuguesa do século XVII", a realizar no Museu Nacional do Azulejo, no âmbito da "Lisboa 94 - Capital Europeia da Cultura" (de 20/7 a 15/10 deste ano), os serviços técnicos e o responsável pelo catálogo da mesma, seleccionaram-me 3 peças com as características exigidas que já estão, neste momento, na casa forte do dito Museu, a fim de serem fotografadas, juntamente com todas as outras, sendo todo o trabalho de impressão entregue a uma firma italiana especializada que, além de cumprir prazos, consegue que tudo seja menos oneroso do que sendo o trabalho feito em Portugal. Refiro este facto porque Mestre Espanca também gostava muito dessas peças. Fascinavam-nos a ambos as peças da nossa Arte, que tinham aquele hibridismo, quer na nossa cerâmica do século XVII, como nos marfins da arte luso-oriental.

Como ele gostaria de ver a exposição que se vai realizar, além de outras, no mesmo âmbito da "Lisboa 94"!

A sua actividade como conferencista também foi notável, quer no grupo Pró- Évora, como na Universidade de Évora e por esse País fora. O que me impressionava mais era o seu estilo, diferente dos demais. Falava de pé, atrás ou à frente da secretária, sem ter quaisquer elementos de leitura ou consulta. Consequia assim uma empatia maior entre ele e os interessados.

Tive ocasião, na Universidade, de ouvir de pessoas que não o conheciam, os maiores elogios e espanto pelo que viam e ouviam. É o período de perguntas e respostas, era admirável.

Possuindo a colecção completa do Boletim "A Cidade de Évora", pela qual tenho tanto carinho, embora seja de certo modo conhecida a sua actividade no mesmo, não resisto a lembrar às pessoas que não possuem a colecção completa, que Mestre Espanca foi seu editor desde o n.º 1, saído em 1942, até ao n.º 70, referente a 1987, constando em todos os números um trabalho seu. Constatei o grande trabalho que tinha para que saísse o "Boletim"; foram 45 anos de actividade nesta obra. Por sua sugestão, agrupando vários números num volume, madei encadernar em "meia francesa" o que fez um total de 19 volumes. Como se sabe o "Boletim" tinha projecção nacional e internacional, sendo ainda hoje um precioso elemento de consulta.

Que me desculpem, mas este fabuloso trabalho do Mestre e das pessoas que para o mesmo executavam trabalhos de grande merecimento, não podia passar em claro.

Com todo o trabalho imenso de uma vida de dedicação a um sector apaixonante, mas difícil e complexo, o Mestre começou, logicamente, a sentir o cansaço; mas queria continuar com o mesmo ritmo, o que era humanamente impossível. Dizia-me: "Não em conformo, pois trabalhos que fazia em 8 dias, levo agora 1 mês". Lá o moralizava e tentava mentalizar que deveria abrandar o ritmo e, o levar mais tempo, era natural.

Infelizmente, com cerca de 80 anos, nunca aceitou o natural cansaço e a perda de energias, o que lhe provocava um estado muito ansioso, desequilibrando-lhe o sistema nervoso, ficando alguns dias muito prostrado.

A decadência física foi-se acentuando, como é a lei natural da vida. Via-se naquele estado, queria fazer ainda várias coisas e não podia; entrou em desespero, o que talvez provocasse o acto que é do conhecimento geral. O assunto é muito complexo, mas já ouvi de especialistas que a pessoa atinge um estado patológico de tal ordem, que já não é o próprio a decidir; não há já controlo da vontade, embora se consuma o acto.

Contudo, alguns dias antes do seu desaparecimento físico, travou uma grande luta consigo próprio.

Certas confidências, durante o último período da sua vida, dado serem muito do foro íntimo, reflectindo, entendo em consciência que não devo revelar, além de outras que me foi fazendo ao longo dos 25 anos do nosso convívio, até porque, nalgumas até me pediu segredo e este morrerá comigo.

No citado último período da sua vida, tinha dias que estava melhor, outros pior. Tentando que se distraísse, perguntei-lhe se pretendia sair comigo a um local perto, para não se cansar. Por seu alvitre chegámos a ter agendada uma visita ao Museu de Montemor-o-Novo e a ida, no meu carro, à conferência que o Prof. Vitor Serrão proferiria, como proferiu, no Museu de Évora, em 27 de Maio de 1993. Infelizmente nada disto se pode concretizar.

No que escrevi atrás sempre falei, como devem ter reparado, no seu desaparecimento físico; nunca falei em morte porque, para mim, o meu querido Amigo, Mestre Túlio Espanca, não morreu; o seu espírito mantém-se bem vivo, através das recordações e também da sua Obra, que regularmente estou a consultar. Muitas gerações ainda terão que consultar a sua vasta bibliografia, não obstante aparecerem, como é normal com o avanço da investigação, hoje com meios mais sofisticados, alguns dados novos. Mas a base está na sua Obra, especialmente no tocante aos 8 volumes do "Inventário Artístico de Portugal" com milhares de comunicações inéditas.

Penso que com o seu desaparecimento físico, fechou a maior "biblioteca" do Mundo sobre temas de Évora e seu distrito, até porque também não pôde publicar todo o manancial de conhecimentos que possuía.

Creia, Mestre Espanca, homem bom e tolerante, que o seu amigo Faustino nunca o poderá esquecer e tudo o que referi é mais uma homenagem que lhe presto.

Que descanse em Paz.

Évora, Abril de 1994